INTEGRIDADE DA INFORMAÇÃO, PILAR DA DEMOCRACIA

*desinformante

Observatório da desinformação

Lupa

EDUCAMÍDIA

INSTITUTO PALAVRA ABERTA

Grupo de usuários WMB Wiki Movimento Brasil

INTEGRIDADE DA INFORMAÇÃO, PILAR DA DEMOCRACIA

REDAÇÃO
Marília Rocha (Wiki Movimento Brasil)
Contra desinformação, confiança no coletivo

Lizete Nóbrega (Desinformante)
Matheus Soares M. Cruz (Desinformante)
Nina Santos (Desinformante)
Para problemas complexos, múltiplas soluções

Victor Terra (Lupa)
Achado: repositório da Lupa para o combate à desinformação

Daniela Machado (EducaMídia/Instituto Palavra Aberta)
Muito além das fake news*: Como as nuances da desinformação desafiam o senso crítico e tornam a educação midiática ainda mais urgente*

Claudia Wanderley (CLE - UNICAMP/Observatório da Desinformação)
Josianne Cerasoli (IFCH - UNICAMP/Observatório da Desinformação)
Ewerton Machado (UFAC/Observatório da Desinformação)
Observatório da Desinformação

DIAGRAMAÇÃO E CAPA
Éder Porto (Wiki Movimento Brasil)

LICENÇA PARA REPRODUÇÃO
O conteúdo desta obra, salvo quando indicado, está licenciado nos termos da licença Creative Commons - Atribuição - Partilha nos Mesmos Termos 4.0 Não Adaptada (CC BY-SA 4.0), podendo estar sujeito a condições adicionais. Todos os logos utilizados são marca registrada das organizações responsáveis pelos projetos em questão. Consulte: https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt-br.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Integridade da informação, pilar da democracia [livro eletrônico] / [organização] Marília Rocha. -- São Paulo : Wiki Movimento Brasil, 2024.
PDF

Vários autores.
ISBN 978-65-993073-3-1

1. Ciências políticas 2. Democracia 3. Fake news 4. Práticas midiáticas I. Rocha, Marília.

24–233287 CDU – 320

INTEGRIDADE DA INFORMAÇÃO, PILAR DA DEMOCRACIA

*desinformante

Observatório da desinformação

Lupa

Escola Mídia

Instituto Palavra Aberta

Grupo de usuários WMB Wiki Movimento Brasil

CONTRA DESINFORMAÇÃO, CONFIANÇA NO COLETIVO

Marília Rocha

Um relatório do Fórum Econômico Mundial publicado no início de 2024 considerou a desinformação o maior risco global de curto prazo, à frente de guerras, eventos climáticos, polarização social e adversidades econômicas. A ideia chegou a ser contestada por pessoas que questionam a possibilidade de definir objetivamente o que constitui desinformação, mas tem mobilizado esforços coletivos de organizações governamentais, da sociedade civil e da academia. Um editorial na revista Nature chamado "A desinformação é um risco maior à democracia do que você pensa", alega que pesquisadores que combatem falsidades estão sob ataque, da mesma forma que cientistas do clima e da saúde pública.

Um estudo com participação de 8 mil pessoas de 16 países, feito em parceria entre a Unesco (agência da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura) e a Ipsos, mostrou que 85% das pessoas entrevistadas estão preocupadas com os impactos da desinformação, sendo que 68% disseram que as redes sociais são o local onde a desinformação é mais difundida. Em todas as faixas etárias e níveis socioeconômicos, 90% acreditam que questões de desinformação e discurso de ódio devem ser abordadas pelas plataformas, e 88% acham que devem ser abordadas pelos governos e entidades reguladoras. Segundo a Unesco, a desinformação ocorre quando há intenção deliberada de espalhar mentiras (diferentemente de "misinformation", ou informação errônea, quando a informação incorreta é compartilhada sem intenção de enganar). É preciso combatê-las por meio da chamada alfabetização midiática e informacional e iniciativas convergentes.

"O ponto comum entre essas agendas é o fluxo informacional: a informação precisa ser compartilhada, disseminada e comunicada. Hoje, isso acontece principalmente pela internet, plataformas digitais e redes sociais", afirmou Tawfic Jelassi, diretor-geral adjunto de Comunicação e Informação da Unesco em entrevista ao site G20 Brasil. "A informação factual, checada e objetiva é fundamental para promover o diálogo intercultural e o entendimento mútuo entre povos e nações, sendo, portanto, um elemento central para promover a paz."

A iniciativa "Internet for Trust", lançada pela Unesco em 2023, busca garantir que o ambiente digital seja de confiança e reforça o conceito da **informação de qualidade como um bem comum**, a que todas as pessoas têm o direito de acessar. Após uma consulta multissetorial com mais de 10 mil comentários vindos de atores em 134 países, foram produzidas as Diretrizes para a Governança das Plataformas Digitais, um guia que estabelece princípios, deveres, obrigações e responsabilidades para Estados, plataformas, organizações intergovernamentais, da sociedade civil, da mídia, academia, comunidade técnica e todas as partes interessadas em salvaguardar o direito à informação.

Na perspectiva defendida pela UNESCO, cultivar uma internet de confiança é uma **responsabilidade compartilhada**, e o combate à desinformação, ao discurso de ódio e às teorias da conspiração exige uma **abordagem multissetorial**. Aos governos, por exemplo, cabe manter o acesso universal e neutro à rede, garantir proteção para jornalistas e ativistas dos direitos humanos e o respeito à liberdade de expressão e à privacidade dos usuários(as). As organizações independentes são importantes para monitoramento e compreensão de comportamentos e conteúdos nocivos, cabendo também à academia e setores da sociedade civil a ponte entre o conhecimento e o cotidiano das pessoas. "Queremos que os usuários sejam letrados por programas de educação midiática que fortaleçam uma perspectiva crítica em busca de distinção entre a informação checada e a enganosa", disse Tawfic. "A questão, hoje, é como transformar essa ideia em ações concretas."

Neste contexto, diversas análises têm mostrado que policiar a desinformação pode ter resultados menos duradouros do que fortalecer a informação verificável e criar confiança nas instituições. **Para o Wiki Movimento Brasil, organizador deste material, o que mais contribui para a propagação da desinformação é a ausência de um sistema aberto de produção e verificação coletiva da qualidade das informações**. Isso se materializa, por exemplo, nas limitadas práticas de difusão digital de instituições culturais e educacionais, na sistemática exclusão de acesso a conteúdos de qualidade por meio de muros de pagamento ou obrigatoriedade de ceder dados pessoais, sem transparência de como são utilizados, além da falta de acesso a recursos necessários para comunidades e grupos marginalizados atuarem efetivamente na produção de conteúdos independentes.

A organização sem fins lucrativos, afiliada à Fundação Wikimedia, afirma em sua estratégia que busca consolidar uma infraestrutura sociotécnica da internet livre com equidade, confiabilidade e segurança, contribuindo para o desenvolvimento de práticas colaborativas voluntárias que fortaleçam o senso de comunidade e a visibilidade de conhecimentos e saberes sub-representados e consolidem a cultura científica no Brasil. Por isso, a atuação do WMB visa ampliar, qualificar e diversificar o conteúdo nos projetos Wikimedia, capacitar e acolher as comunidades e pessoas editoras, defender a adoção e o aprofundamento de regras para a liberdade do conhecimento, além de fortalecer o ecossistema do conhecimento livre no Brasil.

Pretendemos dar visibilidade para uma composição plural de soluções [...] para um desafio que é altamente complexo e, por isso mesmo, não será resolvido com uma ou outra medida isolada.

Enquanto um projeto de interesse público, a Wikipédia – e outros projetos da Wikimedia – tem se fortalecido como um recurso coletivo, viabilizado por uma comunidade global de pessoas voluntárias que se conectam para garantir que as políticas de edição e curadoria de conteúdo sejam protegidas, incluindo os critérios de verificabilidade das informações, entre outros. As práticas de moderação de conteúdo na Wikipédia são abertas e transparentes, e discutidas de forma democrática, com registros do processo sempre disponíveis a todas as pessoas interessadas. As plataformas não possuem propaganda, nem cobram por acesso, muito menos vendem dados dos usuários. Esse modelo se diferencia da lógica algorítmica e de plataformas, pessoas ou entidades que preferem manter informações sob controle (ou descontrole, quando isso é mais interessante), atacam e buscam intimidar o debate público.

Nos últimos anos, começou a surgir uma ampla e diversa gama de iniciativas, organizadas e implementadas pelas comunidades ao redor do mundo para agir contra a desinformação e promover informação confiável nos projetos Wikimedia. Alguns grupos realizam atividades para elencar listas de fontes confiáveis, outros desenvolvem software de Aprendizado de Máquina (*Machine Learning*) ou até mesmo robôs e programas que conseguem detectar automaticamente tentativas de vandalismo em conteúdos já disponibilizados, bem como o uso de práticas danosas para incluir novas informações não confiáveis ou sem fontes de qualidade, que devem ser revertidas ou corrigidas rapidamente. Esse trabalho multifacetado estava disperso pelos países, dificultando seu reconhecimento e difusão.

Por isso, a Fundação Wikimedia e a equipe de Advocacy Global lançaram em 2023 uma ação de mapeamento para coletar essas diversas iniciativas, criando um repositório de projetos, recursos e ferramentas, tornando mais fácil o acesso e compartilhamento de ideias, fortalecendo uma rede em prol do combate à desinformação. Atualmente, cerca de 70 projetos estão registrados, por tema, país e organização responsável. Segundo a Fundação, o propósito deste repositório é **permitir conexão entre pessoas que possam se apoiar para criar e compartilhar projetos**, pesquisas e boas práticas para fortalecer a informação de qualidade. E essa é uma prática que já está na rotina de muitos wikimedistas e grupos de usuários ao redor do mundo, que atuam com o compromisso de promover um ecossistema de conhecimento seguro e saudável para todas e todos.

Na mesma linha, o objetivo desta publicação é mostrar que o trabalho para criar, identificar e compartilhar informações confiáveis - e combater a desinformação - é multifacetado e deve ocorrer em diferentes formatos. Ao

conectar, em um mesmo espaço, formas variadas de endereçar o mesmo desafio, pretendemos dar visibilidade para uma composição plural de soluções possíveis, complementares e com suas particularidades para um desafio que é altamente complexo e, por isso mesmo, não será resolvido com uma ou outra medida isolada. Somente o esforço coletivo e lado a lado permitirá fazer frente a um cenário sob ataques difusos, demandando maior capacidade de articulação e conexão entre organizações e todas as pessoas interessadas em combater a desinformação.

Na defesa de que a **atitude colaborativa é o melhor caminho para fortalecer instituições, grupos e pessoas que produzem e difundem informações confiáveis e verificadas**, selecionamos alguns projetos do repositório da Fundação Wikimedia que podem interessar particularmente aos atores da comunidade, e convidamos ainda outras organizações atuantes no combate à desinformação no Brasil, para compor este projeto. A Agência Lupa, o Desinformante, o Instituto Palavra Aberta e o Observatório da Desinformação agregam a esta publicação toda a expertise que construíram em suas trajetórias e contribuem com conteúdos de qualidade e ferramentas que todas as pessoas podem utilizar e difundir. Esperamos, assim, fortalecer a rede de atores e iniciativas voltados para o mesmo objetivo, em uma atitude coletiva de contraposição à difusão de campanhas de desinformação.

Iniciativas do Brasil no repositório anti-desinformação

Entre as iniciativas destacadas pelo repositório da Fundação, estão seis do Wiki Movimento Brasil: dois trabalhos de pesquisa, duas iniciativas de formação, um evento e uma página na Wikipédia. A seguir, conheça mais detalhadamente três delas

Completude, consistência e correção em bases de dados digitais sobre mortos e desaparecidos políticos na ditadura civil-militar brasileira

Em um artigo publicado na Revista ABC: Biblioteconomia em Santa Catarina (V.26, n.4, set/dez 2021), foi relatado o trabalho do WMB para expandir o conhecimento público e melhorar a precisão dos registros históricos sobre violações de direitos humanos cometidas durante a ditadura militar. De modo geral, compartilhar registros precisos sobre abusos passados é um instrumental para mitigar riscos e o impacto de campanhas de desinformação que visam apagar a memória histórica da ditadura no Brasil. Durante muito tempo, projetos de memória coletiva realizaram curadoria, estruturação e catalogação clandestina de registros de violações de direitos humanos. Desde 1995, esforços entre famílias de vítimas, organizações de direitos humanos e agências governamentais levaram à criação de quatro bancos de dados de vítimas políticas e desaparecidos no período.

No entanto, a informação continuou a apresentar limitações, principalmente devido ao número impreciso de vítimas em cada banco de dados, causando desalinhamento entre registros, uma lacuna que pode ser explorada por narrativas distorcidas e manipuladoras. Por isso, o Wiki Movimento Brasil e parceiros decidiram auxiliar a preservar a documentação dos abusos e manter viva a memória, consolidando um esforço coordenado para comparar os conjuntos de dados. Todas as informações foram unificadas e transferidas para o Wikidata, uma base de conhecimento livre e aberta que pode ser lida e editada por humanos e máquinas, funcionando como fonte comum para outros projetos Wikimedia. O projeto conseguiu transformar informações heterogêneas em um banco de dados mais consistente e protegido de eventuais tentativas de tirar do ar os outros sites locais.

WikiCon Brasil 2022

A WikiCon Brasil 2022, primeira conferência da comunidade wikimedista no País, foi totalmente voltada ao combate à desinformação, o tema foi eleito pela comunidade por sua relevância e por representar uma ameaça tanto ao conhecimento livre quanto ao fortalecimento da comunicação confiável nas esferas política e social de maneira geral.[1] Durante dois dias, foram realizadas oficinas, palestras, debates e atividades mão na massa para compartilhar aprendizados, conhecimentos e sugestões sobre como lidar e mitigar o alcance de campanhas que perpetuam manipulações da informação.[2]

Partindo do princípio de que pessoas editoras produzem informação de qualidade para a Wikipédia e monitoram páginas mais sensíveis para garantir que seu conteúdo esteja sempre correto, checando se as fontes são confiáveis e verificando as edições, a comunidade pode contribuir com um efeito cascata de informações confiáveis na internet e minimizar o alcance de conteúdos enganosos, fabricados ou com falso contexto. O evento também buscou envolver organizações interessadas no tema de forma ampla, por isso contou com falas de especialistas em desdobramentos da desinformação e sua relação com o racismo estrutural, o negacionismo climático, o negacionismo científico, entre outros.

Introdução do Jornalismo Científico

O curso Introdução ao Jornalismo Científico, que é aberto e gratuito, visa oferecer uma formação básica para profissionais e estudantes de comunicação, ou demais interessados no campo do jornalismo científico. Seu conteúdo abarca a formação obrigatória do edital da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) chamado de "Mídia Ciência", no Programa José Reis de Incentivo ao Jornalismo Científico. São seis módulos online, abordando: Metodologia e Filosofia da Ciência; História da Ciência e da Tecnologia; Ética da Ciência; Temas Centrais da Ciência Contemporânea; Modos de Organização e Financiamento

1. O programa do evento pode ser conferido em https://br.wikimedia.org/wiki/WikiCon_Brasil_2022.
2. A *playlist* com a íntegra de boa parte das atividades está disponível: https://www.youtube.com/playlist?list=PLEmJ1V6HikFS8Tmuu6TYr8gB6mDbkyijy.

dos Sistemas de Pesquisa no Brasil e no Exterior; Mídias, Linguagens e Prática do Jornalismo Científico. Os módulos 3 e 6 abordam especificamente temáticas relativas à desinformação no Brasil.

A iniciativa foi realizada em parceria entre o WMB, a FAPESP e o Centro de Pesquisa, Inovação e Difusão em Neuromatemática (CEPID NeuroMat), e está desenvolvida em formato de "Curso Online Aberto e Massivo" (mais conhecidos pela sigla MOOC). Para fazer o curso é preciso criar uma conta na Wikiversidade, a plataforma livre de programas de educação que garante colaboração ativa de pessoas interessadas. Para obter certificado, é preciso seguir as instruções e concluir a realização de todas as atividades propostas.

A comunidade pode contribuir com um efeito cascata de informações confiáveis na internet e minimizar o alcance de conteúdos enganosos, fabricados ou com falso contexto.

Outras iniciativas no repositório anti-desinformação

Outros recursos disponíveis no repositório incluem, por exemplo, webinários organizados pela Fundação Wikimedia em parceria com o Conselho Internacional de Ciências (International Science Council), sobre o gerenciamento de modelos para salvaguardar a informação científica online. Também podem ser conhecidos: Um projeto colaborativo para melhorar artigos relacionados às mudanças climáticas, suas causas e possíveis formas de mitigação; e uma página para compilar listas de fontes não confiáveis ou questionáveis, em diversas línguas. A seguir, veremos alguns exemplos mais detalhados.

Disinfo 101

O Disinfo101 é um recurso de treinamento contra desinformação criado em 2023 pela equipe de Trust and Safety Disinformation da Fundação Wikimedia.[3] O treinamento oferece uma introdução básica às terminologias associada à desinformação, seus modos de funcionamento típicos; ensina como a desinformação geralmente funciona dentro do ecossistema Wiki; e fornece um conjunto básico de ferramentas para lidar com a desinformação em projetos da Wikimedia.

Mas o que é desinformação? Como a desinformação se diferencia nos projetos Wikimedia? E o que os editores da Wikipédia podem fazer para enfrentar esse problema? Este treinamento foi projetado para ajudar a responder essas questões, identificar os problemas associados e estabelecer um conjunto básico de ferramentas para combatê-las. Ele é dividido em 3 seções, cada uma abordando um aspecto diferente da desinformação.

3. O programa de treinamento pode ser conferido em: https://app.learn.wiki/learning/course/course-v1:Wikimedia-Foundation+DIS001+2023/home.

¿Cómo funciona Wikipedia? 10 datos fundamentales para entenderla y sus principales desafíos

O e-book da Wikimedia Argentina, intitulado "Como funciona Wikipedia: 10 dados fundamentais para entendê-la e seus principais desafios", oferece uma visão abrangente sobre a enciclopédia colaborativa.[4] Além de explicar como a Wikipédia opera, o guia aborda os principais desafios que a plataforma enfrenta, como vandalismo (atos deliberados de adulteração de conteúdo), desinformação, lacunas de conteúdo e a desigualdade de gênero entre as pessoas que editam o projeto. Esses problemas são apresentados como questões que a comunidade de editores e editoras ainda busca resolver.

Ao abordar a desinformação como um dos principais desafios globais e também da Wikipédia e sua comunidade, o guia reforça a conscientização entre pessoas editoras e usuárias sobre a importância de verificar a precisão das informações na enciclopédia. No capítulo de desinformação, é mencionado o material "Decálogos para a luta contra a desinformação na Wikipédia", desenvolvido pela Wikimedia Espanha, que oferece recomendações práticas sobre como lidar com a desinformação na enciclopédia. O e-book é um recurso educacional aberto, útil tanto para pessoas editoras da Wikipédia quanto interessadas em geral.

CTRL-F

A Wikimedia Chile, juntamente com instituições parceiras locais como a CIVIX, o Centro de Pesquisa Jornalística CIPER Chile e a Fast Check, criaram o CTRL-F, um programa de treinamento para estudantes para ensinar-lhes técnicas de verificação e alfabetização midiática.[5] O CTRL-F é um programa de formação de práticas que fornece as habilidades necessárias para avaliar informações online e determinar o que é confiável ou não. Seu nome faz referência ao atalho de teclado utilizado para "pesquisar" e oferece recursos eficazes e fáceis de colocar em prática em sala de aula.

Os materiais pedagógicos foram desenvolvidos em conjunto com especialistas em desinformação e letramento midiático digital e representam uma abordagem atualizada para o mundo digital de hoje. Além disso, a equipe acadêmica da CIVIX Canadá desenvolveu um estudo de pesquisa que demonstrou que o CTRL-F melhora significativamente a capacidade dos alunos de rejeitar alegações falsas e identificar fontes confiáveis.

O currículo CTRL-F é composto por 4 aulas destinadas a alunos do 4º ao 5º ano. Os recursos pedagógicos são desenhados de acordo com os objetivos do currículo nacional e os materiais podem ser adaptados a qualquer disciplina.

4. O guia, disponível em licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional pode ser conferido em: https://w.wiki/62nM.
5. O programa de treinamento CTRL-F pode ser conferido em: https://ctrl-f.cl.

PARA PROBLEMAS COMPLEXOS, MÚLTIPLAS SOLUÇÕES

Lizete Nóbrega, Matheus Soares M. Cruz e Nina Santos

A desinformação é um fenômeno complexo e multifacetado que desafia qualquer tentativa de ser compreendido de maneira simplista. Sua origem não se deve a uma única causa e tampouco existe uma solução isolada que possa combatê-la de forma eficaz. Diversos fatores contribuem para o surgimento e a disseminação da desinformação, incluindo o uso intensivo das redes sociais digitais e a própria arquitetura das plataformas que moldam a nossa comunicação. Esses fatores estão interligados a questões mais amplas de ordem econômica, política e social que coletivamente criam um ambiente fértil para a desordem informacional.

Entender a complexidade e a extensão da desinformação é fundamental e explicitar suas nuances e desafios é uma das principais missões do *desinformante. Temos a intenção de desvendar as camadas que compõem o problema estrutural da desinformação, com o objetivo de fornecer uma compreensão mais profunda e, assim, contribuir para a construção de estratégias eficazes no seu combate.

Com esse propósito, além mapear os fatores que contribuem para a disseminação de desinformação, também realizamos uma cobertura das principais notícias que circundam o tema, abordando-o de uma forma ampla e sistêmica. Acompanhar a temática diariamente, dissecar suas causas e dialogar com atores relevantes do ecossistema do jornalismo, da academia, da sociedade civil organizada, do governo e do judiciário nos permite concluir com convicção o que já é mencionado em diversos espaços: não existe uma bala de prata contra a desinformação.

No entanto, além de cravar a impossibilidade de uma única saída, estruturamos um conjunto de possibilidades que já contribuem para o enfrentamento à desinformação e acreditamos que, se forem acionadas e trabalhadas em sintonia e colaboração, podem fortalecer um sistema de informação e comunicação mais íntegro e confiável. Assim, chegamos a 10 saídas possíveis para o combate à desinformação que podem ser realizadas por diferentes atores da sociedade. Adiante, descrevemos cada uma delas a partir de uma síntese do que está disponível na íntegra no nosso site.[6]

6. Disponível em: https://desinformante.com.br/saidas

Regulação

Leis e normas também são usadas na tentativa de impedir a disseminação de desinformação. No Brasil ainda não temos uma legislação específica aprovada, mas já há parâmetros internacionais estabelecidos a partir de experiências em outros países e regiões. A partir do cenário mundial é possível compreender que há três tipos de regramentos que são usados para enquadrar o problema: leis que buscam proibir desinformação (onde há muitas ressalvas sobre o controle estatal); leis que não são específicas, mas abordam algumas questões (como o Código Eleitoral, por exemplo); e leis que abarcam a regulação de plataformas uma forma mais ampla, destacando regras para moderação de conteúdo, para mitigação de riscos e estabelecendo mecanismos de transparência (como o Digital Services Act da União Europeia).[7]

Regras das plataformas e autorregulação

As plataformas possuem regras internas que balizam o comportamento dos usuários dentro das redes, são as chamadas diretrizes da comunidade ou termo de uso - contrato que todos aceitam ao criar uma conta em determinada rede social. As normas estabelecidas são frequentemente revistas para abranger novas situações que podem surgir e, nos últimos anos, algumas plataformas incorporaram regras para coibir a circulação de conteúdos falsos e enganosos. Esses conteúdos estão sujeitos à moderação, que pode ser a adoção de medidas como a remoção de conteúdo, rotulagem e redução de visibilidade, por exemplo. Para identificação, as empresas podem contar com parceiros, como checadores de fatos independentes.[8]

Acordos e Iniciativas Internacionais

Organizações internacionais também vêm identificando e discutindo o problema de desinformação nos últimos anos, realizando debates e produzindo documentos de referência sobre o assunto. A Organização das Nações Unidas (ONU) lançou em junho de 2024 os Princípios Globais para Integridade da Informação, com o objetivo de listar recomendações para reduzir os impactos negativos vindos da desinformação e do discurso de ódio. Organismos como a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco), a União Internacional de Telecomunicações (UIT) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) também têm buscado atuar sobre o tema, tendo em vista seus efeitos negativos sobre os direitos das pessoas, a qualidade do debate público e a democracia.[9]

7. Saiba mais em: https://desinformante.com.br/regulacao-e-corregulacao.
8. Saiba mais em: https://desinformante.com.br/normas-das-plataformas-e-autorregulacao.
9. Saiba mais em: https://desinformante.com.br/acordos-internacionais-e-outras-iniciativas-multissetoriais.

Monitoramento por Pesquisadores e ONGs

Para efetivamente compreender o problema e conseguir atacá-lo de uma forma mais eficaz, é preciso pesquisa e monitoramento, além de ações efetivas de incidência com tomadores de decisão. Organizações da sociedade civil e grupos de pesquisa brasileiros e internacionais têm realizado esforços de vários tipos, todos com impacto positivo no combate à desinformação. Por exemplo, grupos de pesquisa de diversas universidades estaduais e federais monitoram conteúdos que circulam nas plataformas para detectar e mensurar a desinformação e suas estratégias. Já outras organizações da sociedade civil, como a Coalizão Direitos na Rede no Brasil, atuam acompanhando as ações de governo e propostas legislativas que abordam o tema para conter retrocessos e viabilizar avanços no combate à desinformação. Outras iniciativas tentam atacar o financiamento da desinformação, como é o caso do Sleeping Giants.[10]

Medidas anti-concentração

Uma das razões que contribui para a desordem informacional é o fato de que a comunicação mundial está no controle de poucas empresas e seus algoritmos. O modelo de negócios das plataformas favorece o fenômeno e a falta de concorrência efetiva para empresas como Google e Meta aprofunda a questão porque, entre outros motivos, a atual concentração de mercado impede o surgimento de modelos alternativos. Com isso, cada vez mais cresce a ideia de frear esses monopólios. Nos Estados Unidos e União Europeia, as empresas já estão encarando processos que analisam suas ações anticompetitivas ao longo dos anos. Além disso, o bloco europeu aprovou em 2021 o Digital Markets Act, que busca promover uma concorrência justa no mercado digital.[11]

Investigações e processos

Ações judiciais também são uma saída contra a desinformação, assim como as investigações conduzidas pela Polícia Federal e Ministério Público. Esses processos atuam na punição de envolvidos em campanhas de disseminação de informações falsas e podem contribuir para inibir essas atividades. Geralmente as investigações estão relacionadas a crimes já previstos em lei, como calúnia, injúria, difamação, incitação ao ódio e discriminação, além de crimes eleitorais envolvendo a disseminação de *fake news* e mensagens em massa. As investigações também buscam rastrear os financiadores dessas redes de desinformação.[12]

10. Saiba mais em: https://desinformante.com.br/monitoramento-das-redes-e-plataformas-por-pesquisadores-e-organizacoes-da-sociedade-civil.
11. Saiba mais em: https://desinformante.com.br/medidas-anticoncentracao-e-monopolios.
12. Saiba mais em: https://desinformante.com.br/investigacoes-e-processos-judiciais.

Educação/Alfabetização midiática

Há diversos termos e conceitos que abarcam a aquisição de competências para o engajamento no mundo digital de uma forma efetiva e com o desenvolvimento do pensamento crítico em relação ao uso e consumo de informações pelas mídias digitais. De acordo com a Unesco, as habilidades que compõem o que a organização conceitua de Alfabetização Midiática e Informacional (AMI) incluem a compreensão do papel e as funções das mídias e de outros provedores de informação nas sociedades democráticas; a compreensão sobre como localizar e acessar informações relevantes; o aprimoramento do senso crítico em relação aos conteúdos que consome, entre outros. Compreende-se que, a partir de uma formação crítica, os usuários poderão também detectar narrativas desinformativas e compreender suas estratégias.[13]

Checagem de fatos

A checagem dos fatos, ou em inglês *fact-checking*, é uma das medidas encampadas por profissionais do jornalismo e mais conhecidas contra a desinformação. Os jornalistas que atuam nessa área buscam contextualizar e verificar informações dadas por autoridades públicas ou que circulam nas mídias sociais, prática conhecida também como *debunking*. Cada agência de checagem possui uma rotina própria, mas as iniciativas têm metodologias similares, principalmente aquelas ligadas ao International Fact-checking Network, organização que reúne diretrizes para a prática. De modo geral, os veículos verificam os conteúdos a partir de dados públicos e, a partir disso, rotulam aquela informação com etiquetas que vão de 'verdadeiro' a 'falso', mas que podem ter gradações como 'exagerado' ou 'não é bem assim'. Nesse processo, os checadores descrevem o seu percurso e dão transparência às fontes consultadas.[14]

Sustentabilidade do jornalismo

Dentro do cenário de desordem informacional, reafirma-se cada vez mais o papel do jornalismo profissional para combater a desinformação e fornecer à sociedade informações seguras e confiáveis, incluindo investigações rigorosas sobre os poderes do estado democrático. No entanto, a sustentabilidade do negócio está em xeque por inúmeros fatores, incluindo a ascensão das plataformas digitais que obrigaram os veículos a repensarem seus modelos de financiamento, que sempre foram pautados na publicidade - cuja receita atualmente é direcionada majoritariamente para empresas como Google e Facebook. Dentro desse contexto, discute-se diversas possibilidades para a sustentabilidade do jornalismo, uma delas é a remuneração do conteúdo jornalístico pelas plataformas digitais, propostas já aprovadas em países como Austrália e Canadá.[15]

---

13. Saiba mais em: https://desinformante.com.br/educacao-midiatica.
14. Saiba mais em: https://desinformante.com.br/checagem-de-fatos.
15. Saiba mais em: https://www.youtube.com/watch?v=Cs6ikda1kMo e https://www.youtube.com/watch?v=bNK16Pu38dY

Redesenho das plataformas

A atual arquitetura das plataformas digitais é responsável pelo aumento da circulação e da produção de desinformação. Isso porque a busca incessante e incondicional pela atenção do usuário, medida por tempo de uso e engajamento, gera uma série de incentivos sistêmicos à segmentação do debate e ao consumo de conteúdos que reproduzem teorias da conspiração e visões extremadas. Ante essa realidade, há hoje vários pesquisadores e movimentos que discutem a necessidade de as plataformas redesenharem seus serviços de modo a restringir os incentivos sistêmicos. A Iniciativa por Infraestrutura Pública Digital, por exemplo, conta com ativistas e pesquisadores da rede, como Ethan Zuckerman, e propõe ir além da discussão de "consertar" as plataformas, apostando na criação de infraestruturas públicas, inspiradas nos sistemas públicos de comunicação. O maior desafio dessa saída é que o redesenho contraria a própria natureza e modelo de negócios das plataformas.[16]

Considerando os contrapontos

Como já destacamos, nenhuma dessas saídas possíveis podem ser pensadas de forma isolada frente a um fenômeno amplo e complexo como é a desinformação. Além de não poderem ser tomadas como únicas, cada uma das iniciativas também não podem ser elencadas sem ressalvas. É necessário compreender suas nuances e contrapontos, para delimitar os respectivos pontos de atenção.

Um contraponto importante sobre as regras das plataformas, por exemplo, é o quanto essas empresas podem incidir sobre o debate público, moderando conteúdos ou limitando discursos por trás de suas regras. Pesquisadores e organizações da sociedade civil também destacam a preocupação sobre esses atores ditarem o que é ou não falso, agindo como um árbitro da verdade e ampliando os seus poderes.

Compreender o nível de complexidade que o desafio nos apresenta, bem como as próprias saídas que temos, é fundamental para conseguirmos construir e manter um ecossistema informacional mais saudável, íntegro e democrático. E contar com a colaboração de atores de diferentes setores da sociedade (governo, empresas, academia, sociedade civil, etc.), empenhados em combater a desinformação é imprescindível para isso.

16. Saiba mais em: https://desinformante.com.br/arquitetura-e-redesenho-das-plataformas

ACHADO: REPOSITÓRIO DA LUPA PARA O COMBATE À DESINFORMAÇÃO

Victor Terra

A desinformação tornou-se um desafio global nos últimos anos. Combater seu ecossistema também. Junto à checagem de fatos, que surge como primeira grande estratégia de enfrentamento às fakes e conteúdos desinformativos, ações de educação, letramento midiático e divulgação científica hoje vêm ganhando espaço e mostrando efetividade. Diferentes estudos indicam que crianças e jovens submetidos a atividades e práticas de literacia da informação apresentam melhores desempenhos ao lidar com os conteúdos midiáticos que circulam dentro e fora das telas.

Educação midiática para combater a desinformação

Desde 2022, a **Lupa** tem desenvolvido projetos de educação midiática com objetivo de mitigar os danos causados pela desinformação sobre as gerações atuais e com a intenção de contribuir para a leitura crítica das próximas gerações diante dos conteúdos que irão consumir e produzir. Atualmente, diferentes grupos sociais, de diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade, têm sido vítimas dos danos provocados por conteúdos negacionistas, polarizadores e conspiracionistas. Como consequência, este conjunto de desinformações transforma importantes debates em signos de conflito, estimula a intolerância e afasta os indivíduos da realidade.

O fenômeno da desinformação afeta diariamente o modo como acessamos, interpretamos e utilizamos os conteúdos midiáticos. Nas plataformas de redes sociais, usuários consomem, produzem e compartilham conteúdos baseados cada vez mais em crenças pessoais do que em dados científicos e fatos comprováveis.

Resulta daí um cenário marcado por leituras emocionais e passionais do mundo que nos cerca. Cada indivíduo e/ou grupo específico acredita apenas no que lhe convém. De maneira oposta, recusa o que se apresenta fora de suas convicções e é considerado diferente. Ganham terreno teorias da conspiração, a negação da ciência e das instituições que a produzem. É nessa direção que vemos crescer movimentos antivacina e favoráveis a perspectivas que tangem o absurdo, dentre as quais a mais emblemática é a "teoria terraplanista".

Enquanto hub de soluções para combater a desinformação, a Lupa, que surge como agência de notícias especializada em checagem de fatos, hoje tem suas ações ampliadas para o campo da educação. A partir destes dois grandes pilares, reúne jornalistas, educadores e comunicadores, comprometidos em garantir a segurança e o acesso à informação de qualidade, seja por meio da checagem e do jornalismo investigativo, seja por soluções, projetos e produtos educativos ligados à educação midiática.

Metodologia Lupa

Como objetivo final, a educação midiática em que acreditamos visa promover a **leitura** e o **senso crítico** nos indivíduos, de modo que possam consumir, produzir e compartilhar conteúdos e informações de maneira consciente, autônoma e responsável. Para alcançar tais resultados, a Lupa Educação tem como base três pilares sob os quais se organizam seus conteúdos, projetos e produtos – como materiais pedagógicos, oficinas e treinamentos práticos para educadores e jornalistas. São eles: **sensibilização, problematização** e **mobilização**.

Metodologia de educação midiática da Lupa

Sensibilização

É a etapa de aproximar o público de temas midiáticos e ligados ao fenômeno da desinformação. Visa estabelecer contato, apresentar conceitos e localizar questões cotidianas e suas relações com o fenômeno da desinformação. Ao sensibilizar o olhar, o indivíduo desenvolve senso crítico para lidar com *a complexidade do ecossistema de informação e mídia existentes no mundo atual*.

Problematização

É a etapa que vai além da contextualização de determinado tema. Aqui, problematizar significa aprofundar conceitualmente o assunto em questão, seja ele um conteúdo desinformativo, uma *trend* viral nas redes sociais ou os usos e impactos de uma nova tecnologia na sala de aula.

Isso pode ocorrer por meio de uma reportagem especial, de uma oficina prática de checagem de fatos, da referência a uma pesquisa científica ou de um post pedagógico nas redes. É a hora de relacionar situações concretas da vida cotidiana com dados, relatórios e declarações de especialistas, que ajudam a explicar determinado fenômeno midiático e/ou desinformativo.

Mobilização

É a etapa do processo que trabalha colaboração, experimentação, realização e intervenção por parte do público, seja ele formado por crianças, adolescentes, educadores ou qualquer outro tipo de público. Além de compreender as dinâmicas midiáticas, esta etapa estimula o público a não apenas refletir criticamente, mas poder e querer propor soluções para os problemas da desinformação na atualidade.

Na prática, de que formas têm sido possível utilizar as mídias e os conteúdos nelas produzidos para combater a desinformação e seus processos, no campo da educação, da comunicação e do convívio social, de modo mais amplo?

Componentes em constante interação

Apesar da divisão em pilares, as práticas de educação midiática conduzidas pela Lupa acontecem em dinâmicas nas quais os três componentes chave aparecem em constante interação e não necessariamente em uma ordem fixa e estanque. Em termos práticos, isso significa que cada pessoa pode estar mais concentrada em um dos componentes do processo. Um indivíduo pode estar sensibilizado com os conteúdos que consome nas redes, mas não conseguindo usufruir deles de modo a se posicionar criticamente no mundo.

O Achado

Entre os diferentes produtos que resultam deste conjunto metodológico está o Achado, repositório de conteúdos científicos sobre desinformação da Lupa. A ideia de criar a plataforma surge de um conjunto de percepções:

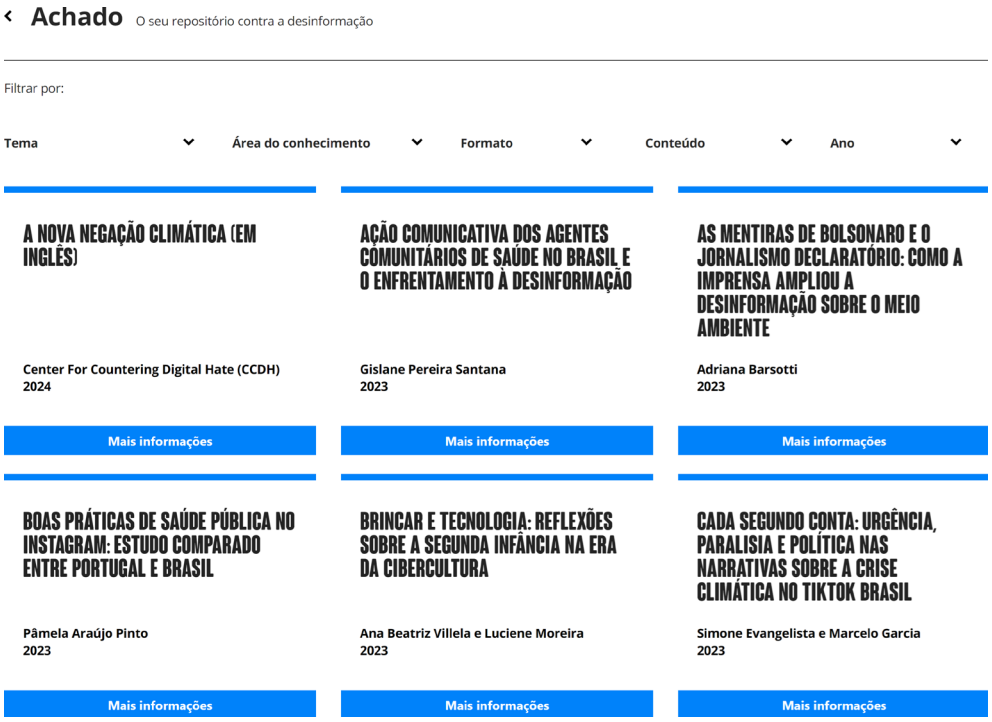
- crescimento significativo de pesquisas sobre desinformação nos últimos anos;
- fenômeno da desinformação se torna objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento, com foco em suas origens, mecanismos e possíveis soluções;
- aumento da demanda de professores do ensino básico por materiais complementares, e de pesquisadores científicos por conteúdos técnicos e multidisciplinares sobre desinformação;
- falta de um espaço ou ferramenta que reunisse conteúdos científicos sobre desinformação de forma acessível e navegação amigável;
- constatação de que ausência de sistemas abertos de informações qualificadas sobre desinformação é um dos fatores que contribui para a propagação das fakes.

Lançado em 2022, o Achado foi criado para agregar e disponibilizar conteúdos científicos sobre o fenômeno da desinformação. Atualmente, a plataforma reúne 84 itens, entre artigos, monografias, teses, dissertações, relatórios e conteúdos multimídia. O acesso é gratuito. Seu principal objetivo, portanto, é conectar ciência e educação, tornando o conhecimento acadêmico mais acessível a pesquisadores, professores, estudantes e ao público em geral.

As premissas do Achado são

Reunir...
Facilitar o acesso a...
Potencializar a utilidade de...
Dar maior visibilidade a...

} ...conteúdos científicos de qualidade e credibilidade.



Captura de tela da plataforma do Achado, disponível em: https://lupa.uol.com.br/educacao/achado

Reunir conteúdos

Apesar do fluxo robusto de publicações científicas sobre desinformação existentes hoje dentro e fora do Brasil, os conteúdos se encontram pulverizados em diferentes repositórios acadêmicos e centros de pesquisa, o que dificulta um olhar panorâmico sobre o que se tem produzido a respeito do fenômeno nos diferentes campos do conhecimento. Assim, de um lado temos o crescimento das pesquisas sobre desinformação, do outro, diferentes grupos e atores sociais em busca de bases confiáveis para entender, subsidiar investigações e proposições de pesquisas e políticas públicas.

Enquanto agregador de conteúdos científicos, o Achado tem servido a diferentes públicos: pode ser usado tanto pelo professor do ensino básico – com materiais complementares para uma aula sobre determinado tema -, quanto pelo pesquisador científico – com conteúdos variados e multidisciplinares para suas investigações; e ainda pelo leitor leigo, interessado em conhecer melhor os desdobramentos da desinformação.

Assim, o Achado visa, sobretudo, aproximar o público dos estudos da desinformação produzidos nas mais diversas áreas. É a porta de entrada para um **ambiente seguro, qualificado e amigável**, que aproxima a audiência da informação e da ciência. Um esforço que dialoga diretamente com o princípio da **sensibilização**.

Facilitar o acesso

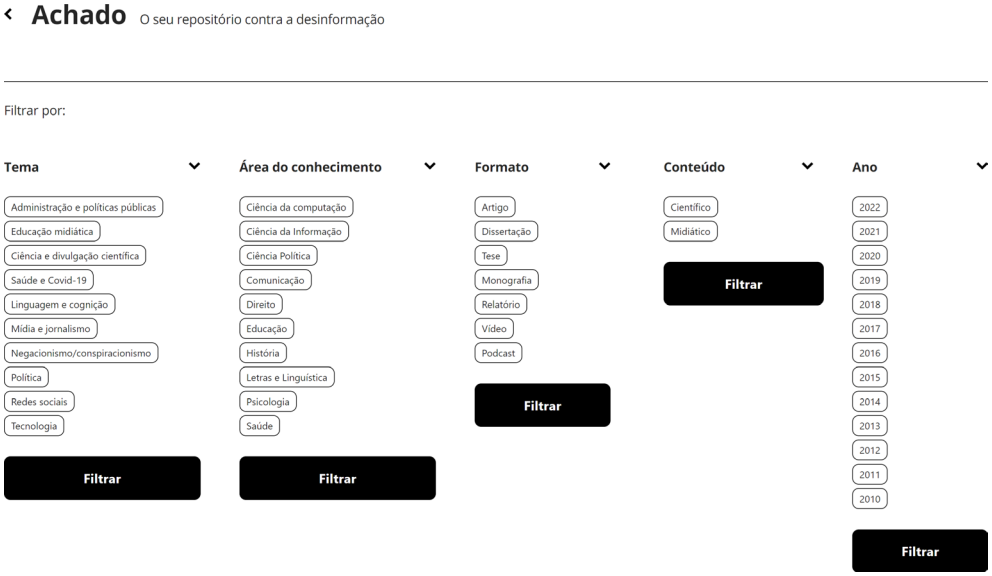
O Achado também foi pensado para **facilitar o acesso** de pesquisadores, professores, estudantes e público em geral ao conhecimento produzido nos últimos anos sobre desinformação e seu combate, no Brasil e no mundo. Todos os conteúdos disponibilizados na plataforma têm caráter público e são apresentados com base em suas informações de catalogação original: título, autoria, ano de publicação, resumo, biografia dos autores.

Eventuais adaptações são realizadas pela equipe de curadoria científica da **Lupa**. A intenção e o desafio constante é tornar a linguagem do conteúdo a mais objetiva, compreensível e direta possível, sem deixar de aprofundar seus conceitos e argumentos fundamentais. Este tipo de ação metodológica dialoga com o princípio da **problematização**.

Filtros de busca

Também recorremos a **filtros de busca**, que permitem que o usuário realize buscas mais específicas, personalizadas e inteligentes. Atualmente, o Achado dispõe de cinco filtros:

- **Tema**
  - Incluindo, entre outros, *Educação midiática, Saúde e Covid-19, Negacionismo/Conspiracionismo, Política* e *Rede sociais.*
- **Área do conhecimento**
  - Incluindo, entre outros, *Ciência da informação, Ciência da computação, Comunicação, Direito, Educação* e *Psicologia.*
- **Formato**
  - Composto de *Artigos, Teses, Dissertações, Monografias, Podcasts, Vídeos* e *Relatórios.*
- **Conteúdo**
  - Entre *Científico* e *Midiático.*
- **Ano**
  - Entre 2010 e 2022.



Captura de tela dos filtros da plataforma Achado, disponível em: https://lupa.uol.com.br/educacao/achado

Ao oferecer recursos em linguagem acessível e menos técnica, sem deixar que o conteúdo perca o rigor científico; ao disponibilizar recursos de otimização das buscas e ao apresentar conteúdos acadêmicos de alta qualidade, o Achado cria condições para que os usuários possam usufruir de modo inteligente e prático dos itens, encontrando neles hipóteses, constatações e dados comprováveis e atualizados para as questões que se deseja investigar ou simplesmente saber.

Potencializar a utilidade da produção científica

Hoje, grande parte da sociedade ainda tem dificuldade de reconhecer de que forma um determinado dado ou as correlações apresentadas em um estudo acadêmico podem ajudar a resolver problemas do cidadão comum no contexto da desinformação.

Neste sentido, além da oferta de dados e conteúdos ao usuário, o repositório também funciona como base para a produção de conteúdos educativos e jornalísticos da própria Lupa. Informações extraídas de relatórios, teses e artigos do Achado contribuem diretamente para a elaboração de pautas e projetos, resultando em séries, reportagens especiais, materiais educativos e conteúdos multimídia para as redes sociais.

Na direção contrária, os acontecimentos e a cobertura jornalística diária, a partir dos temas que levantam, levam o time de jornalismo da Lupa a apurar e buscar informações em publicações científicas. Uma vez utilizadas e verificadas em termos de qualidade e avaliação por pares, tais publicações são catalogadas e passam a integrar o acervo do Achado.

Desse modo, o repositório potencializa a utilidade prática da ciência no combate à desinformação, com a produção do que temos chamado de **conteúdos inteligentes** – criados a partir do fluxo entre materiais científicos, pedagógicos e jornalísticos, que se retroalimentam de forma constante por meio do repositório.

Dar visibilidade

A compilação de materiais existentes no Achado adota um modelo de indexação indireta, ou seja, opta por não armazenar os arquivos dos conteúdos em sua base de dados, e sim, por indicar o link do endereço original do repositório ao qual o item pertence: a base da própria universidade, instituto, departamento ou centro de pesquisa. Com esta prática, ao mesmo tempo em que concentra a audiência em um espaço unificado, a ferramenta estimula uma navegação que leva o público a visitar outros repositórios. Por consequência, amplia-se a visibilidade não apenas dos conteúdos e repositórios acadêmico-científicos, mas também fortalece a confiança do usuário nas instituições e nos pesquisadores que têm seus estudos disponibilizados em nossa lista.

De olho no futuro, o repositório contribui para guiar futuras investigações, práticas educativas e ações contra a desinformação. Impacta a formação de estudantes, ampliando o alcance de suas produções acadêmicas e incentivando-os a acreditar na relevância social de seus trabalhos.

Parcerias que fortalecem

O Achado também tem importante papel na construção de uma rede científica entre a Lupa e a comunidade acadêmica. Por meio dele, temos estabelecido parcerias de cooperação com universidades e centros de pesquisa de todo Brasil. É também por meio deste vínculo que estabelecemos um fluxo de recebimento de sugestões de itens, recomendados pelas universidades parceiras de tempos em tempos, para alimentar a plataforma.

Atualmente, são parceiros do Achado: a **Rede Nacional de Combate à Desinformação (RNCd)**, a **Pró-reitoria de Extensão da UFRJ**, o **Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ**, o **Departamento de Comunicação da UFPE**, o **projeto de Extensão Mídias**, **Redes e Jovens, da UFF** e o **Todos Pela Educação**.

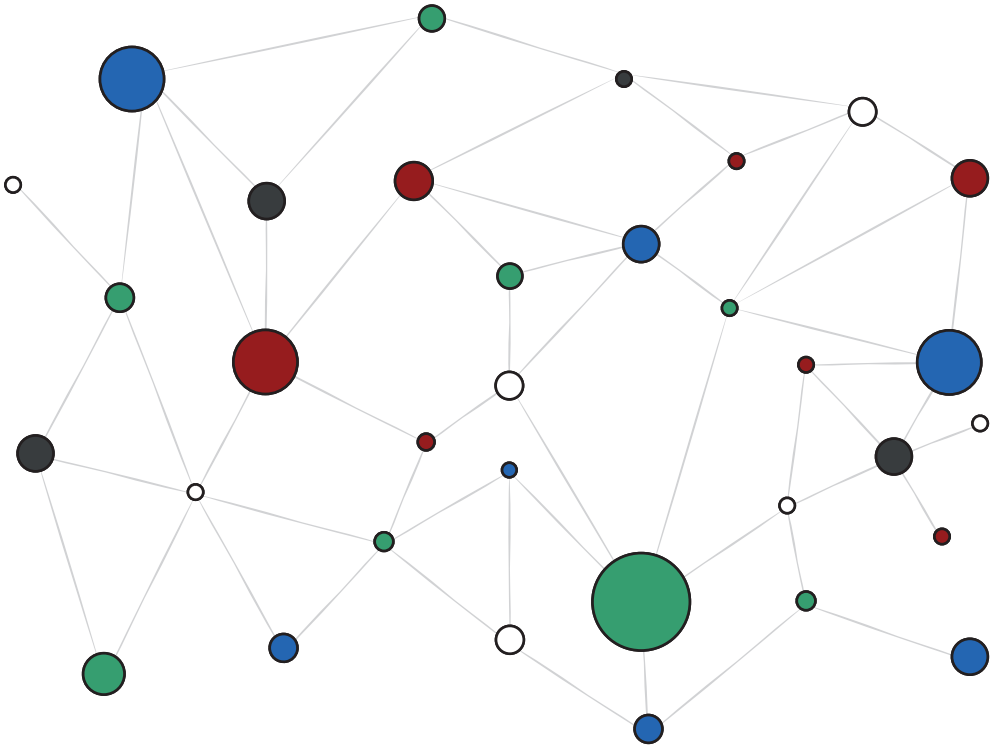
Este tipo de parceria beneficia ambas as partes, na medida em que (1) fortalece a credibilidade do Achado, como agregador científico confiável e (2) amplia o alcance dos materiais e do trabalho dos pesquisadores que compõem a nossa rede de cooperação, garantindo uma atualização contínua e a inclusão de novas pesquisas e descobertas no campo da desinformação.

Potencializar a utilidade da produção científica, dar visibilidade e estabelecer parcerias com outras instituições é, na prática, **mobilizar** pesquisadores, educadores, estudantes e os mais diferentes públicos do Achado na direção de combater a desinformação, confiar na ciência e fortalecer seu lugar social.

Informação confiável como melhor remédio

Ao estimular a busca de conteúdos científicos, a consulta das fontes de pesquisa, o uso dos filtros, a compreensão de diferentes formatos e o consumo dos materiais, o Achado se consolida como verdadeira ferramenta de letramento científico, uma das várias modalidades que compõem o processo mais amplo de letramento e educação midiática. Estreita as relações entre democracia, ciência e acesso à informação, **sensibilizando**, **problematizando** e **mobilizando** o público diante da desinformação.

Não são simples os desafios de combater a desinformação em um contexto de plataformas, economia de dados, disputa pela atenção e avanços das tecnologias de inteligência artificial. Ainda assim, a Lupa acredita ser possível e urgente. E para isso, a informação confiável, acessível e bem contextualizada tem se mostrado um bom remédio.



MUITO ALÉM DAS *FAKE NEWS*: COMO AS NUANCES DA DESINFORMAÇÃO DESAFIAM O SENSO CRÍTICO E TORNAM A EDUCAÇÃO MIDIÁTICA AINDA MAIS URGENTE

Daniela Machado

A crise da desinformação impõe desafios crescentes à sociedade, entre os quais destacam-se a amplificação de injustiças sociais, o aumento da intolerância, o recrudescimento da polarização política e a fragilização da democracia. Além disso, atrapalha o exercício de um direito fundamental: o acesso a informações confiáveis a partir das quais tomamos decisões a todo momento da vida, das mais básicas (como qual produto comprar ou qual livro ler) às mais vultosas (como em quem votar em uma eleição).

Com consequências tão complexas, seu enfrentamento demanda ações articuladas e coletivas. Não há bala de prata — faz-se necessário adotar uma abordagem multissetorial, envolvendo governos, empresas de tecnologia, instituições ligadas à educação e cada um de nós, individualmente. Apenas o esforço conjunto desses agentes será capaz de fazer frente à desinformação que, embora não seja um fenômeno novo, ganha contornos mais intrincados com a evolução das tecnologias de comunicação.

Em seu guia "Journalism, 'Fake News' & Disinformation", publicado em 2018, a UNESCO lembra que mobilizar e manipular informações eram uma característica histórica muito antes do surgimento da imprensa moderna. "Um registro remoto vem da Roma Antiga, quando Marco Antônio encontrou Cleópatra e seu inimigo político Otaviano lançou uma campanha de difamação contra ele, com slogans curtos e incisivos escritos em moedas, no estilo de tuítes arcaicos", cita a publicação. "Mas o século 21 tem testemunhado a 'armamentização' da informação em escala nunca vista."[17]

Isso porque recursos e ferramentas cada vez mais acessíveis permitem a fabricação e o compartilhamento de conteúdos fraudulentos. **Escala** e **velocidade** são os componentes atuais de um problema bem antigo.

17. IRETON, C; POSETTI J. **Journalism, 'Fake News' & Disinformation: Handbook for Journalism Education and Training**. Paris: UNESCO, 2018.

O que vemos agora é um cenário em que novas tecnologias digitais abrem espaço para uma poderosa fusão dos papéis de consumidores e produtores de informações. Por um lado, tal configuração faz com que qualquer pessoa com acesso à internet tenha a possibilidade de se expressar, participar ativamente de debates públicos, manifestar opiniões, alcançar audiências reais e influenciar agendas.

Ficou para trás o modelo de comunicação de "poucos para muitos", em que poucas figuras como editoras de livros, jornais, revistas, canais de rádio e TV detinham a capacidade de selecionar e publicar informações. Para a maior parte da população, cabia o consumo passivo e, em alguns casos, canais restritos de interlocução (como as seções de "Cartas do Leitor" em jornais, por exemplo).

O outro lado da moeda é o mau uso do ecossistema informacional, seja de forma intencional ou pela ausência de letramentos, gerando o que a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou de "infodemia".[18]

Hoje, o esforço em prol da **integridade da informação** faz parte da agenda global e é foco de debates no âmbito do G20, um dos principais fóruns de cooperação econômica internacional.[19]

Como pano de fundo está a concepção de que a informação é um **bem público** e seu acesso, um **direito** de todas as pessoas. Para a UNESCO, a desinformação configura-se, assim, como um entrave para o pleno exercício da cidadania e de outros direitos fundamentais, com o potencial de prejudicar a implementação de medidas eficazes para lidar com emergências globais, como a crise climática ou uma pandemia. A UNESCO afima na Declaração de Windhoek+30, documento resultante da Conferência Internacional pelo Dia Mundial da Liberdade de Imprensa de 2021:[20]

> *"Enquanto bem público, a informação empodera os cidadãos para que exerçam seus direitos fundamentais e apoia a equidade de gênero, além de permitir a participação e a confiança na governança democrática e no desenvolvimento sustentável, sem deixar ninguém para trás".*

Segundo a entidade, a informação é, ao mesmo tempo, o meio e o fim para que as aspirações coletivas da humanidade sejam alcançadas, incluindo a Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU).

Após esta breve introdução ao tema, vamos explorar o conceito de desinformação e suas nuances (incluindo as famosas "*fake news*") e discutir práticas e propostas com vistas à defesa da integridade da informação, em especial a **educação midiática**.

---

18. INFODEMIC. WHO, [Genebra, *s. d.*]. Disponível em: https://www.who.int/health-topics/infodemic.
19. PROMOTING information integrity: combating disinformation, hate speech and threats to public institutions online. G20 BRASIL 2024. [Rio de Janeiro], 2024. Disponível em: https://www.g20.org/en/calendar/side-events/promoting-information-integrity-combating-disinformation-hate-speech-and-threats-to-public-institutions-online.
20. UNESCO. **Windhoek + 30 Declaration: information as a public good**. World Press Freedom Day 2021. Windhoek, 2021. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000378158.

Muitos tons de desinformação

Desinformação é um conceito "guarda-chuva" mais apropriado para nos referirmos aos diversos tipos de conteúdos que podem enganar, embora a expressão "*fake news*" seja mais popularmente conhecida. Esse termo tornou-se especialmente usado a partir de 2016, durante a disputa presidencial nos Estados Unidos em que se enfrentaram Donald Trump (Partido Republicano) e Hillary Clinton (Partido Democrata). A estratégia de comunicação do candidato vitorioso incluiu uma avalanche de informações falsas sobre a adversária, incluindo casos esdrúxulos como o que ficou conhecido como "Pizzagate".[21]

Junto com as narrativas fabricadas, a própria expressão "*fake news*" ganhou a internet e acabou sendo usada com pouco ou nenhum critério. Na esteira de Trump, alguns políticos apropriaram-se do termo para descredibilizar o jornalismo profissional, utilizando-o quando estavam diante de notícias que os contrariavam.

Um dos momentos mais emblemáticos que exemplificam essa situação ocorreu durante entrevista em que Trump recusou-se a responder uma pergunta formulada por jornalista da CNN, em retaliação a uma reportagem que o desagradou. "Não vou lhe conceder (o direito de fazer) uma pergunta. Vocês são *fake news*", afirmou à ocasião, atribuindo a classificação a um veículo de comunicação inteiro.[22]

Em um interessante artigo intitulado "Ajudei a popularizar o termo '*fake news*' e agora me encolho toda vez que o ouço", o jornalista e pesquisador Craig Silverman avalia que tal episódio com Trump marcou a desfiguração do conceito de "*fake news*"[23], que deveria designar as informações falsas já produzidas com a intenção de enganar e que, em muitos casos, imitam o visual de algum veículo de comunicação conhecido, na tentativa de "pegar carona" em sua credibilidade.

Além das distorções já citadas, o termo em si é contraditório: se algo é chamado de "notícia", pressupõe-se que seja informação produzida conforme os padrões éticos e o método jornalísticos. Ou seja, se algo é falso, não deveria ser chamado de notícia.

---

21. Teoria da conspiração nunca comprovada sobre uma suposta rede de pedofilia envolvendo membros do alto escalão do Partido Democrata (THE saga of "Pizzagate": The fake story that show how conspiracy theories spread. **BBC News**, [Londres], 2 dez. 2016. BBC Trending. Disponível em: https://www.bbc.com/news/blogs-trending-38156985).
22. JAMIESON, A. "You are fake news": Trump attacks CNN and BuzzFeed at press conference. **The Guardian**, [Londres], 11 jan. 2017. US news. Disponível em: https://www.theguardian.com/us-news/2017/jan/11/trump-attacks-cnn-buzzfeed-at-press-conference.
23. SILVERMAN, C. I Helped Popularize The Term "Fake News" And Now I Cringe Every Time I Hear It. **BuzzFeed News**. 31 dez. 2017. Disponível em: https://www.buzzfeednews.com/article/craigsilverman/i-helped-popularize-the-term-fake-news-and-now-i-cringe.

Nesse contexto, torna-se necessário adotar um léxico mais preciso para designar o amplo universo de conteúdos que desinformam. Uma proposta bastante disseminada é a da pesquisadora e cofundadora da First Draft Claire Wardle, que divide o ambiente da desinformação em sete grandes grupos:[24]

- **Conteúdo fabricado:** conteúdo novo 100% falso, desenvolvido para enganar e gerar danos;
- **Conteúdo manipulado:** quando informação ou imagem genuína é manipulada para enganar;
- **Conteúdo impostor:** quando fontes genuínas e conhecidas são usadas de forma inapropriada junto a conteúdos falsos;
- **Contexto falso:** quando algum conteúdo genuíno é divulgado fora de contexto ou em contexto fabricado;
- **Conteúdo que gera falsa impressão ou conduz ao erro:** uso inapropriado de informação para forjar um assunto ou uma pessoa;
- **Conexão falsa:** quando títulos, recursos visuais ou legendas não fornecem evidências para o que está sendo alegado;
- **Sátira ou paródia:** conteúdo que não é criado com a intenção de enganar, mas pode levar a isso.

Além desses, outros tipos de conteúdo podem resultar em desinformação, ainda que não intencionalmente. O EducaMídia[25], programa de educação midiática do Instituto Palavra Aberta, elenca as seguintes situações:

- **Opinião x Fato:** quando o caráter opinativo de um conteúdo não está claro ou, ainda que esteja identificado, não é reconhecido devido ao baixo letramento informacional de grupos da população;
- **Erro jornalístico:** quando a imprensa comete equívocos, que não são intencionais (ao contrário, errar sucessivamente põe em risco o principal ativo do jornalista ou veículo de comunicação, que é a credibilidade). Ainda que possam ser graves, os erros no jornalismo diferenciam-se das chamadas "*fake news*" principalmente porque têm autoria conhecida, o que permite que sejam rastreados e corrigidos;
- **Informação simplificada:** quando um assunto complexo precisa ser simplificado de modo a compor um título ou legenda. Sem acessar o material na íntegra, pode-se acabar com uma informação incompleta ou equivocada.

24. WARDLE, C. Understanding Information disorder. **First Draft**. 22 set. 2020. Disponível em: https://firstdraftnews.org/long-form-article/understanding-information-disorder.
25. EDUCAMÍDIA. Educação Midiática, [*s. d.*]. Disponível em: https://educamidia.org.br.

A desinformação que se configura a partir de todas essas categorias pode ser potencializada pela inteligência artificial, com o uso de aplicativos cada vez mais sofisticados e acessíveis que permitem a manipulação de textos, imagens, áudios e vídeos. A proliferação de ferramentas sem o devido letramento e reflexão de seus usuários amplia a poluição informacional e torna ainda mais desafiador o acesso a dados confiáveis que norteiem decisões bem informadas.

A morte do "ver para crer"

Ferramentas que permitem a geração de conteúdos sintéticos cada vez mais aprimorados impõem novos desafios ao nosso senso crítico. O uso pouco ético ou malicioso das inteligências artificiais pode inundar a internet com imagens, vídeos e áudios falsos capazes de manchar reputações e manipular opiniões. "Isso pode aumentar a desinformação exponencialmente; não só pelos erros em circulação, mas também porque esses erros podem acabar voltando para as bases de dados que utilizam conteúdos disponíveis na internet para treinar IAs, em um efeito 'bola de neve'", alerta o EducaMídia em uma série de recursos pedagógicos voltados para o entendimento da IA no ecossistema informacional.[26]

Entre os problemas derivados do mau uso da IA, a fabricação de realidades é particularmente preocupante. Isso envolve as chamadas "*deep fakes*", que são manipulações digitais de vídeos e áudios, numa técnica que permite simular vozes, trocar rostos e criar cenários e situações que nunca aconteceram. É a morte do "ver para crer", em que aquilo que está diante dos nossos olhos deixa de ser evidência inquestionável do que realmente aconteceu.

Com a intenção de analisar quão preocupante pode ser a utilização de "*deep fakes*", a jornalista de tecnologia Laurie Segall submeteu-se a um experimento[27] com ferramentas de IA que geraram uma realidade paralela: em diversas mídias e plataformas, imagens e vídeos "mostravam" que ela estava em um relacionamento (falso) com o fundador da Meta, Mark Zuckerberg.

Fora dos ambientes controlados de um experimento, são inúmeros os exemplos de mau uso das IAs — que afetam celebridades mundiais e pessoas anônimas. Além de ampliar o espectro da desinformação para toda a sociedade, há repercussões individuais graves (econômicas e emocionais) para quem é alvo de conteúdos fabricados.

A artista Taylor Swift teve imagens falsas e de cunho pornográfico geradas por IA espalhadas pelas redes sociais, em especial na plataforma X

26. OCHS, M. Integridade da informação e inteligência artificial. Minicurso: educação midiática e inteligência artificial, Módulo 3. **EducaMídia**, 2024. Disponível em: https://educamidia.org.br/educacao-midiatica-e-inteligencia-artificial.
27. SEGALL, L. My deepfake relationship with Mark Zuckerberg and why it matters. **X**, 8 mar. 2024. Disponível em: https://x.com/LaurieSegall/status/1766278068002299975.

(antigo Twitter). Relatos na imprensa apontaram que apenas uma das imagens fraudulentas, compartilhada por um único perfil no X, teve mais de 47 milhões de visualizações antes de a conta ser suspensa pela plataforma de rede social.[28]

No Brasil, em 2023, um caso de ampla repercussão envolveu a geração de "nudes" falsos de adolescentes de um colégio tradicional no Rio de Janeiro, com compartilhamento desse conteúdo em grupos de mensagens.[29]

Um estágio anterior das IAs já permitia que o rosto de uma pessoa fosse inserido em imagens reais (conteúdo pornográfico, por exemplo). Hoje, com novas ferramentas de IA generativa, é possível gerar material falso do zero a partir de comandos de texto relativamente simples.

Diante das inovações tecnológicas, que ampliam as oportunidades mas também os riscos para a sociedade, é urgente pensarmos em como responder à altura.

Educação midiática como estratégia de enfrentamento

Tais inovações ampliam e complicam consideravelmente o ecossistema informacional. Novos atores, beneficiados pela fusão dos papéis de consumidores e produtores de conteúdo proporcionada pela internet, encontram linguagens e formatos diversos para se comunicarem com e para o mundo. É importante ressaltar que tal cenário, em si, pode ser muito poderoso e enriquecedor. Mas também acarreta consequências danosas que precisam ser enfrentadas urgentemente.

Não há solução única para o que vivemos. Diversas iniciativas têm buscado enfrentar a desinformação e, entre elas, destaca-se o trabalho das agências de checagem (*fact-checking*), que verificam a confiabilidade de dados e alegações feitas, por exemplo, por figuras políticas de grande influência. Sua atuação é necessária, mas insuficiente frente à avalanche de conteúdos que são produzidos e compartilhados a cada minuto. Tampouco há garantia de que uma verificação ou checagem alcance as mesmas pessoas expostas a determinada informação falsa.

Esforços para instruir a população a partir de listas prontas ou um conjunto engessado de dicas, como "preste atenção à qualidade do texto ou da imagem", "atente-se para erros gramaticais na mensagem" ou "veja se a apresentação do conteúdo é grosseira", não resolverão o problema, ainda que possam ajudar pontualmente.

---

28. ALVES, S. Taylor Swift, IA e *deep fake*: entenda a polêmica com imagens falsas da cantora. **Época Negócios**, [São Paulo], 29 jan. 2024. Disponível em: https://epocanegocios.globo.com/inteligencia-artificial/noticia/2024/01/taylor-swift-ia-e-deep-fake-entenda-a-polemica-com-imagens-falsas-da-cantora.ghtml.
29. NETO, V. Alunos de colégio tradicional do Rio usam IA para criar imagens íntimas de meninas; polícia investiga. **CNN Brasil**, 2 nov. 2023. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/alunos-de-colegio-tradicional-do-rio-usam-ia-para-criar-imagens-intimas-de-meninas-policia-investiga

Precisamos, isso sim, de uma transformação significativa na maneira como toda a sociedade relaciona-se com as informações — e, principalmente, **responsabiliza-se** por elas. Para a educadora e pesquisadora Renee Hobbs,[30] da Universidade de Rhode Island (EUA), é necessário considerar uma ampliação do próprio conceito de alfabetização, de modo a incluir habilidades para acessar, avaliar e criar informações, além de exercer a participação cidadã por meio das mídias, em um mundo cada vez mais conectado. Ao conjunto de práticas pedagógicas que desenvolvem tais habilidades dá-se o nome de **educação midiática**.

"A educação midiática é o desenvolvimento contínuo de hábitos de investigação e de competências de expressão necessários para que todos sejam pensadores críticos, comunicadores ponderados e eficazes e membros informados e responsáveis da sociedade. Desenvolver esses hábitos e habilidades é vital para o exercício da cidadania", aponta a National Association for Media Literacy Education (NAMLE), iniciativa nos Estados Unidos que atua desde 1997 e reúne mais de 80 instituições dedicadas ao campo.

Atenta às complexas dinâmicas entre pessoas, mídias e sistemas que moldam a visão que temos do mundo, a NAMLE assim define os Princípios Básicos da educação midiática:[31]

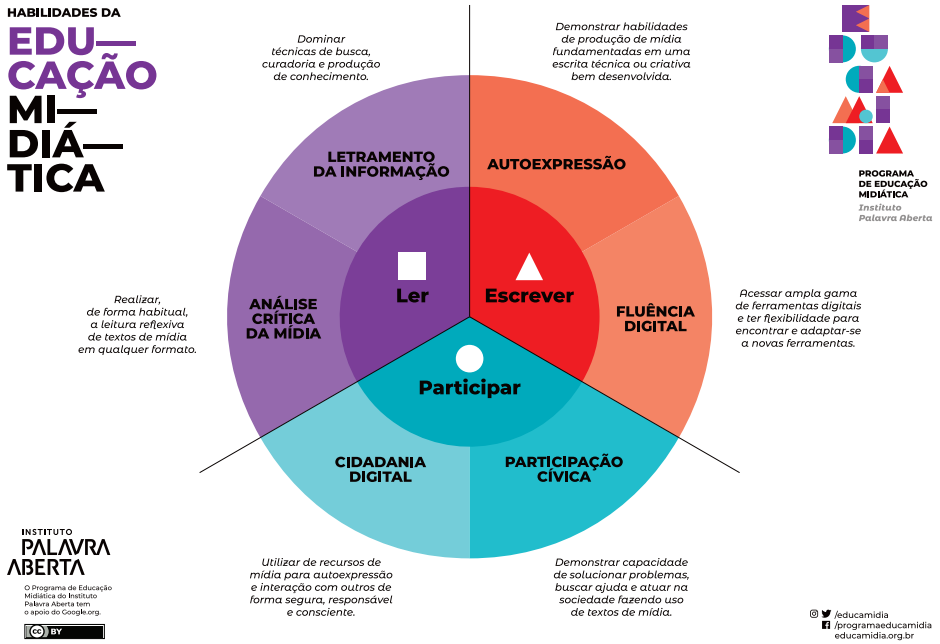
1. Expande o conceito de letramento, englobando todas as formas de mídias e integrando diversas habilidades para o desenvolvimento de consumidores e criadores de mídias conscientes;
2. Reconhece que todas as pessoas podem aprender e utilizam sua história, seus conhecimentos, suas habilidades e crenças para atribuir significado às experiências midiáticas que vivenciam;
3. Valoriza práticas de ensino que priorizam investigação, curiosidade, mente aberta e autorreflexão, ao mesmo tempo em que enfatizam a razão, a lógica e as evidências;
4. Encoraja os alunos a praticar investigação ativa, reflexão e pensamento crítico em relação às mensagens que vivenciam, criam e compartilham em um cenário midiático em constante evolução;
5. Requer a oferta contínua de oportunidades para que os estudantes desenvolvam, de forma interativa e de maneira adequada à idade e ao estágio de desenvolvimento, habilidades que sejam integradas e transversais ao currículo;
6. Apoia o desenvolvimento de uma cultura midiática participativa na qual os indivíduos consideram inúmeras responsabilidades éticas ao criar e compartilhar mídias;

30. HOBBS, R. Expanding the Concept of Literacy. *In*: KUBEY, R. **Media Literacy in the Information Age**. [*Online*]: Routledge, 2018. p. 163–183. Disponível em: https://doi.org/ 10.4324/9781351292924-7.
31. NAMLE. Core principles of media literacy education. 2023. Disponível em: https://namle.org/wp-content/uploads/2023/05/NAMLE-Principles-Final-2.1.pdf.

7. Reconhece que as instituições de mídia são entidades culturais e comerciais que desempenham um papel como agentes de socialização, comércio e mudanças;
8. Afirma que um ambiente midiático saudável do ponto de vista do bem comum é uma responsabilidade compartilhada entre empresas de mídias e de tecnologia, governos e cidadãos;
9. Enfatiza a investigação crítica sobre o papel das indústrias de mídias na sociedade, incluindo como essas indústrias influenciam e são influenciadas por sistemas de poder, com implicações sobre equidade, inclusão, justiça social e sustentabilidade;
10. Capacita indivíduos a serem participantes informados, reflexivos, engajados e socialmente responsáveis em uma sociedade democrática.

No Brasil, iniciativas de educação midiática procuram fazer frente ao volume inédito de conteúdos disponíveis. Na visão do EducaMídia, todos nós "precisamos assumir o papel de curadores de nossa própria experiência no gigantesco universo da informação"[32] ao mesmo tempo em que atuamos para garantir a integridade do ambiente midiático como um todo, num momento em que a capacidade de gerar informações está potencialmente diluída entre todos aqueles com acesso à internet (no Brasil, o número de domicílios nessa condição alcançou 84%, de acordo com a pesquisa TIC Domicílios 2023[33]).

O programa propõe a compreensão da educação midiática a partir de três grandes eixos (LER, ESCREVER e PARTICIPAR), conforme imagem a seguir:



Habilidades da educação midiática, disponível em: https://educamidia.org.br/habilidades

32. MACHADO, D. Quem zela pela integridade da informação? **Folha de S. Paulo**, 28 mar. 2024. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2024/03/quem-zela-pela-integridade-da-informacao.shtml.
33. CETIC.BR. TIC Domicílios 2023. Disponível em: https://cetic.br/pt/pesquisa/domicilios/indicadores.

Em termos práticos, certos comportamentos podem auxiliar na luta contra a desinformação:

- Desenvolver o hábito de interrogar a informação, perguntando qual sua origem (ou fonte) e o propósito que se espera alcançar com aquela mensagem. Avaliar quem se beneficia e quem é prejudicado pelo conteúdo também é um caminho interessante para dar contexto às mensagens;
- Se a mensagem provocar uma reação exagerada (raiva diante do ataque a alguém conhecido ou euforia por supostamente ganhar um prêmio, por exemplo), é importante parar para refletir antes de repassar ou interagir com aquele conteúdo. Ativar nossas emoções é justamente uma das estratégias da desinformação;
- Lembrar-se de que a fonte de uma informação não é necessariamente a pessoa que a compartilhou. O fato de um amigo ou familiar próximo repassar algum conteúdo não é garantia de veracidade;
- Interrogar a informação recebida e observar se apresenta evidências, ou seja, traz dados suficientes para mostrar que é factível ou dá elementos para ir atrás de outros detalhes;
- Ao receber uma mensagem que relata um acontecimento extraordinário (sobre uma onda de milhares de imigrantes chegando ao país, por exemplo), verificar se veículos jornalísticos já estabelecidos estão reportando a notícia.

Toda a sociedade precisa se envolver nos esforços com vistas a um ecossistema informacional mais íntegro, confiável e seguro. Seja em ambientes formais de educação ou em quaisquer outros espaços.

OBSERVATÓRIO DA DESINFORMAÇÃO

Claudia Wanderley, Josianne Cerasoli e Ewerton Machado

Trajetórias até o Observatório

O Observatório da Desinformação foi criado em 2023 como um espaço de articulação de diversas iniciativas acadêmicas relativas à desinformação e à educação midiática, mas sua história começa nos anos 2000. Estávamos então discutindo tecnologias de linguagem e interessados na democratização do acesso ao hardware, à internet e aos aplicativos, procurando traduzir, fazer aplicativos (ou softwares coletivos e gratuitos em código aberto) e incluir os idiomas que estavam fora do ambiente do que então nós achávamos que seria um território de revolução na produção do conhecimento, na circulação de informações e de dados.

Nós visávamos então contribuir para viabilizar usos responsáveis e transformadores dessas tecnologias de informação e comunicação digitais. Principalmente, para quem trabalha na universidade, buscávamos a construção de uma sociedade mais justa voltada para o conhecimento produzido coletivamente visando o bem comum, uma alegria que nos anima.

Da apresentação do mundo digital para a cultura digital, para os pontos de cultura, para a expansão do acesso das escolas e da população aos computadores e telefones móveis, o horizonte de potencialidades e também de preocupações e riscos só tem se ampliado. Nosso interesse em enfrentar a desinformação de maneira articulada é uma atualização para os nossos tempos das questões que envolveram e envolvem as antigas e atuais novas tecnologias. A visão utópica, a perspectiva cidadã e a abordagem crítica não mudaram, queremos ainda e sempre a democratização do acesso à informação (inclusive para quem fala os idiomas que ainda não participam do ambiente digital), a integridade da informação (para todos os cidadãos) e fundamentalmente uma acolhida das culturas e de todas as tecnologias e linguagens (incluindo as ancestrais) que compõem e sustentam as sociedades, inclusive a diversidade de nosso país.

O Observatório da Desinformação se insere nessas pautas. É uma iniciativa nascida na universidade pública, e propõe diálogo amplo entre diversas áreas do conhecimento, com intelectuais orgânicos e com a sociedade brasileira, incluindo atores sociais e lideranças comunitárias. Indígenas, ribeirinhos, quilombolas, caiçaras, povos de terreiro, afro brasileiros em diáspora, amigos da periferia, amigos da universidade, amigos que querem discutir as conjunturas brasileiras e propor caminhos, amigos interessados: estamos conscientes de que estamos em uma situação social vulnerável, e queremos fazer a nossa parte com junto à universidade e sobretudo em diálogo dirigido para fora dela.

Auto-organização e direitos humanos

Os princípios básicos de nosso trabalho são considerados a partir da teoria dos sistemas complexos, particularmente com atenção aos fenômenos de auto-organização ligados à desinformação. Dado que o fenômeno da desinformação é por nós considerado um processo dinâmico e auto-organizado, não há como prever qual a desinformação futura, nem que área do conhecimento ou que costumes irá afetar.

Consideramos a informação como um direito humano inalienável e capaz de ancorar outros direitos fundamentais em uma sociedade democrática. Os princípios dos direitos humanos são os primeiros faróis de informação de qualidade; ou seja, a informação deve cumprir os seus preceitos e estar ancorada na memória histórica e democrática do nosso país.

No Brasil, sofremos com o fenômeno de informações falsas e precisamos ampliar o diálogo para garantir informação e educação de qualidade para todos. Estamos à disposição para construção de um contato mais efetivo entre a academia e a sociedade, assim como para pautar os contextos brasileiros dentro de um perfil de interlocução que defenda valores democráticos, objetivos sociais comuns e o bem viver.

Educação midiática

Uma de nossas iniciativas, na qual a comunidade wikimedia é muito bem vinda, é a "Olimpíada de Educação Midiática: enfrentamento à desinformação", que vamos realizar em 2025. Nós acreditamos no trabalho colaborativo com todo o nosso coração e a comunidade wikimedia pode ser uma inspiração e uma motivação renovada para jovens estudantes descobrirem o valor das parcerias e do envolvimento coletivo.

Outra iniciativa em que nos envolvemos são cursos com comunidades sobre aspectos de letramento midiático, informacional e diálogo intercultural e modos de enfrentamento à desinformação, de acordo com as diretrizes da UNESCO, adaptados para nosso contexto linguístico e cultural. Podemos

desenvolver atividades e cursos voltados para um público específico, ou para uma questão específica de sua comunidade. Nós temos um curso online e gratuito na plataforma Coursera chamado Alfabetização Midiática e Informacional UNESCO & UNICAMP que pode ser acessado em: https://www.coursera.org/learn/alfabetizacao-midiatica.

Desde 2019, propomos anualmente, sempre na última semana de outubro, um evento alinhado com o programa da UNESCO para fortalecer o Letramento Midiático Informacional e o Diálogo Intercultural entre seus parceiros e nas suas regiões, chamado Media and Information Literacy Week (MILWEEK), com duração de uma semana, para discutir a educação midiática a partir das conjunturas brasileiras. Compreendemos que é importante integrar diferentes especialistas para discutir em linguagem corrente as questões que estão em nossa pauta regional e que estão sob os efeitos desarticuladores da desinformação. É um caminho positivo para nos atualizarmos, fazermos análises mais ajustadas de nossa realidade, e também para somarmos forças.

Compromissos inseparáveis da Educação Midiática

Memória, Verdade e Justiça

O enfrentamento à desinformação passa necessariamente pelo fortalecimento de pactos sociais e pelo olhar preciso e verdadeiro em relação ao que vivenciamos e narramos sobre nossas experiências. O compromisso público e coletivo com a justiça é base para constituição de toda sociedade democrática. Depende diretamente do combate aos negacionismos e à seletividade histórica e social. Memória, Verdade, Justiça e Reparação são as bases para a cidadania e a democracia.

Boa parte dos processos de desinformação que fragilizam a cidadania e a democracia no Brasil estão diretamente ligados à lacuna de debate público consequente sobre o período da ditadura militar e ao processo de anistia no Brasil. Infelizmente, a forma como tem sido conduzido esse debate e a maneira como foi feita a anistia inviabilizaram a conscientização da população sobre os crimes realizados e a própria natureza do regime autoritário militar que durou de 1964 a 1985.

O Letramento Midiático e Informacional no Brasil tem o compromisso de trazer este debate, sempre que possível, de maneira a criar uma cultura democrática, uma percepção da vida pública, com uma cidadania crítica.

Letramento político

Letramento político mobiliza de modo crescente e continuado o acesso a informações e conceitos precisos que fundamentam a formação democrática e as relações de respeito em nossa sociedade diversa.

Os princípios coletivos que justificam a atenção ao letramento político impõem o acesso a informações fidedignas sobre aspectos formais ligados a direitos civis (individuais, coletivos e difusos), ao funcionamento das instituições políticas e sociais, ao uso preciso de conceitos e referenciais políticos.

O letramento político também mobiliza a compreensão precisa de conceitos que embasam a alteridade, o respeito ao outro e a consideração da diversidade como uma qualidade fundamental.

Enfrentamento à Desinformação

Desinformação é uma questão de política pública no Brasil. Nos últimos anos nos tornamos um caso de preocupação nacional e internacional.

Passar leis relativas à desinformação e criar setores em instituições públicas para acompanhar o desenvolvimento da desinformação no Brasil é urgente.

Garantir a liberdade de expressão de jornalistas e da sociedade civil é fundamental. Cada um desses aspectos se liga diretamente à formação crítica e ao acesso dos cidadãos à informação fidedigna.

Queremos articular a educação superior do país para juntarmos forças para produzirmos e difundirmos cursos, materiais didáticos e investigações científicas de maneira regular, para que possamos atuar no Brasil de acordo com a especificidade da desinformação que circula no país.

Letramento ambiental - relação das pessoas com o meio ambiente

A compreensão incorreta sobre uma questão ambiental pode nos levar a ignorar ou mesmo aceitar uma perda ambiental que tem consequência direta em nossa qualidade de vida. Por isso, é importante saber identificar e reconhecer narrativas e informações; a manipulação da informação pode prejudicar a compreensão pública sobre questões ambientais e climáticas. A educação ambiental está aliada ao enfrentamento à desinformação, pois tem como princípio a formação de cidadãos críticos e conscientes sobre as questões que afetam o meio ambiente e como isso impacta a qualidade de vida. Uma das principais contribuições da educação ambiental neste cenário é o desenvolvimento de habilidades de análise crítica, que significa aprender a avaliar fontes de informação, questionar narrativas dominantes e entender os interesses por trás das informações que recebemos.

A formação de cidadãos melhor informados permite também ampliar a capacidade coletiva de mobilização em torno das causas ambientais e amplia a capacidade coletiva de contribuir para um ambiente melhor e uma vida com mais qualidade. O direito a um meio ambiente saudável é previsto legalmente e é fundamental para todos os seres humanos. A falta de informação pode

levar à apatia ou à aceitação passiva de políticas prejudiciais ao meio ambiente e consequentemente, à perda desses direitos. Narrativas enganosas podem minimizar a percepção pública sobre os riscos das mudanças climáticas ou sobre a importância de conservar recursos naturais.

O Observatório da Desinformação

O Observatório da Desinformação, de autoria dos professores doutores Claudia Wanderley, Josianne Cerasoli e Ewerton Machado, é, portanto, uma proposta de articular com pesquisadoras e pesquisadores interessados no fenômeno da desinformação para podermos dar visibilidade e comunicabilidade às frentes de reflexão, formação e extensão ligadas ao Letramento Midiático e Informacional e ao Diálogo Intercultural (em inglês Media and Information Literacy and Intercultural Dialogue[34] - MILID ou MIL) no âmbito dos Direitos Humanos.

O Projeto Pergunte a um Cientista, que embasa objetivamente essa iniciativa de formação do observatório, é o âmbito da investigação científica deste trabalho, e é desenvolvido a partir da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) em articulação com universidades parceiras, como a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal do Acre (UFAC). O projeto tem como principal objetivo a compreensão do fenômeno da desinformação como ocorre no Brasil, considerando sua diversidade cultural e linguística. O Observatório da Desinformação através do projeto Pergunte a um Cientista está também articulado com a rede de educação superior da UNESCO-UNAOC UNITWIN de Letramento Midiático Informacional e Diálogo Intercultural.

34. Este termo "Letramento Midiático Informacional e Diálogo Intercultural" advém das atividades da UNESCO voltadas para fortalecer a democratização do acesso ao espaço digital, com quem temos parceria desde 2007. O termo "Educação Midiática" é usado no contexto brasileiro, e é o termo que utilizamos em atividades ligadas a parceiros no Brasil.

AUTORES

Marília Rocha

Gestora de Comunicação do Wiki Movimento Brasil, é jornalista e cientista social, com mestrado em Divulgação Científica e Cultural pelo Labjor (Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo), na Unicamp. Atua na comunicação da Cátedra Sérgio Henrique Ferreira, do Instituto de Estudos Avançados Polo Ribeirão Preto da USP. Interessada em promover a cultura científica e fortalecer a confiança nas informações verificáveis.

Lizete Nóbrega

Jornalista, mestre em Estudos da Mídia (PPgEM/UFRN) e doutoranda em Ciências da Comunicação (PPGCOM/USP). Estuda desinformação, checagem de fatos e plataformas digitais.

Matheus Soares M. Cruz

Jornalista, pesquisador e mestre em Ciências da Comunicação (ECA/USP). Tem interesse nas transformações advindas das tecnologias digitais nos processos de comunicação e de participação cívica.

Nina Santos

Pesquisadora na UFBA e na Université Paris II. Diretora do Aláfia Lab. Doutora em comunicação e interessada pela disseminação de (des)informação nas plataformas digitais e seus impactos políticos.

Victor Terra

Analista de educação na LupaEducação. Jornalista e Mestre em Comunicação e Cultura (UFRJ), é graduando em Psicologia pela UVA. Tem passagens pelas assessorias de imprensa e comunicação institucional da UFRJ. É autor de *Sou Visto, Logo Existo*, pelo Selo PPGCOM/UFMG e, como pesquisador, investiga o impacto das redes sociais na produção de subjetividade.

Daniela Machado

Jornalista com quase 20 anos de experiência em redações, pós-graduada em Educação Digital e Midiática pela Universidade de Rhode Island (EUA) e coordenadora do EducaMídia (programa desenvolvido pelo Instituto Palavra Aberta). É coautora do *Guia da Educação Midiática*.

Claudia Marinho Wanderley

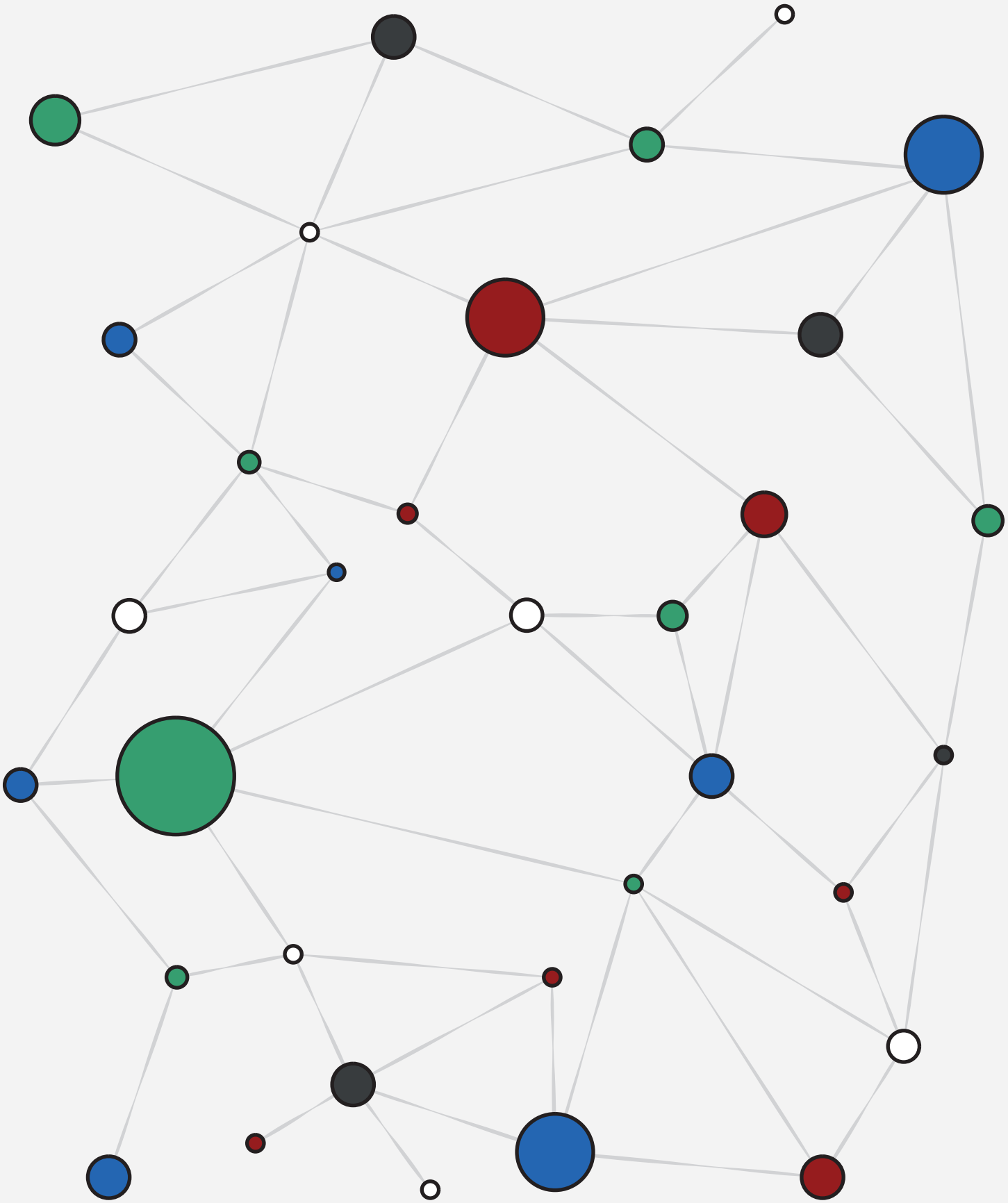
Doutora em Linguística pela Universidade UNICAMP onde é Pesquisadora Permanente, com Pós-Doutorado em Linguística Computacional pela Universidade Paris 3. Trabalha com questões ligadas a multilinguismo, interculturalidade, multiculturalismo e epistemologias não *standard*. Responsável pela promoção de pesquisa e atividades de Letramento Midiático, Informacional e Diálogo Intercultural na UNICAMP, ligadas à Rede de Educação Superior UNESCO UNITWIN UNAOC-UNESCO, em uma abordagem reflexiva inspirada no trabalho de Michel Debrun.

Josianne Francia Cerasoll

Doutora em História pela Unicamp na área de Política, Memória e Cidade, é docente na mesma universidade, onde atua nos cursos de graduação em História e em Arquitetura e Urbanismo e nos Programas de Pós-Graduação em História (acadêmico e profissional). Dedica-se aos estudos sobre história política, atenta aos diálogos entre os campos do conhecimento que compõem os saberes sobre o urbano. É editora da revista Urbana, publicação do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade (CIEC), que coordena desde 2014, e com ele atua no projeto interinstitucional Cronologia do Pensamento Urbanístico e na Associação Ibero-americana de História Urbana. Coordenou o Observatório de Direitos Humanos da Unicamp (2019-2023).

Ewerton Ortiz Machado

Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Minas Gerais; mestre e doutor em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade de São Paulo. Tem como linha de pesquisa a biologia, diversidade, história natural e aspectos comportamentais de aracnídeos, influência de impactos antrópicos na biodiversidade, com foco na região amazônica. Também tem como interesses de investigação letramento e educação científica, ensino de ciências, epistemologia do conhecimento científico frente ao conhecimento tradicional e projetos multidisciplinares nas ciências ambientais com destaque para as relações entre a sociedade e o meio ambiente. Trabalha atualmente como professor e pesquisador na Universidade Federal do Acre (Campus Floresta) em Cruzeiro do Sul, Acre.



9 786599 307331